

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

2º ciclo do 4º bimestre da 1ª série

Eixo bimestral: **REPORTAGEM E ENTREVISTA**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Andréia Castro

Conteudistas

Gisele Heffner

Maria de Fátima Costa

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2013

COMO ENSINAR?

Para encerrar as atividades do quarto bimestre, a proposta do Currículo Mínimo para o segundo ciclo é a análise e a produção de entrevistas jornalísticas. Desse modo, nesta seção, apresentaremos sugestões de trabalho divididas em duas sequências didáticas, que focalizam, respectivamente, a compreensão e a construção desse gênero.

Sequência didática 1: ANALISANDO O GÊNERO JORNALÍSTICO *ENTREVISTA*

Esta sequência, dividida em três passos, objetiva apresentar aos alunos o gênero entrevista, destacando, além de sua função, suas principais marcas estruturais e linguísticas.

Eixo Leitura:

- Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Eixo Uso da Língua:

- Reconhecer as funções referencial, metalinguística e fática da linguagem.

PASSO 1: APRESENTAR O GÊNERO *ENTREVISTA*

Inicialmente, é interessante o aluno ter contato tanto com exemplares *impressos* como *virtuais*. O professor pode selecionar, de preferência, entrevistas que tenham uma temática semelhante, a fim de que as características do gênero sejam, mais facilmente, identificadas. Nesse sentido, indicamos a entrevista impressa que se segue, porque ela apresenta um tema pelo qual os alunos provavelmente se interessarão: a vida de Anderson Silva. O lutador participou de inúmeras outras entrevistas, as quais estão disponíveis em mídias virtuais, como:

1. *Pânico Jovem Pan* – Anderson Silva (15/09/2010) ¹

2. *Mais Você* – Entrevista Anderson “Spider” Silva (11/03/2011) ²

3. *Serginho Groisman entrevista Anderson Silva em Nova York* (22/09/2012)³

ESPORTES

Entrevista com Anderson Silva⁴

Uma conversa franca com o lutador brasileiro campeão do UFC sobre Galvão Bueno, voz aguda, lutadores homossexuais, racismo, aulas de balé, Steven Seagal e o estranho hábito de brincar com as bonecas das irmãs na infância

PLAYBOY 15h24 09/10/2012

[...]

Anderson da Silva trilhou um longo caminho até se tornar um ídolo. Nascido em São Paulo em 14 de abril de 1975, teve de lidar cedo com a separação dos pais. Sem condições financeiras de criá-lo, a mãe e a avó o deixaram aos cuidados de Edith, tia e madrinha, que ele trata como mãe, em Curitiba, para onde se mudou aos 4 anos.

Lá Anderson encontrou uma educação rígida e a família que nunca teve entre primos e primas que hoje chama de irmãos. Foi onde também conheceu seu destino: lutar. Começou na capoeira, aos 8 anos. Mais tarde se tornou faixa-preta em jiu-jítsu, muay thai e tae kwon do e aprendeu boxe e judô, enquanto dividia a rotina na academia com vários empregos. Foi atendente em uma rede de lanchonetes, mecânico em corridas de kart e office boy. A lanchonete foi cenário para uma de suas mais dolorosas experiências: um cliente se recusou a ser atendido por um negro como ele.

[...] Em 1997, Anderson recebeu o primeiro convite para lutar MMA. A disputa aconteceria em Corumbá (MS), e ele receberia 400 reais. Topou na hora.

Suas vitórias o levaram dos torneios menores à multimilionária Pride, o maior torneio antes da criação do UFC. Anderson entrou no UFC em 2006. No mesmo ano, depois de vencer sua primeira luta de maneira incontestável, pôde desafiar o então detentor do título dos pesos-médios Rich Franklin. Venceu, e o cinturão nunca mais saiu das suas mãos.

[...]

O UFC é um esporte muito violento. É possível alguém morrer dentro do octógono?

Depende.

¹ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=i_Cv80wDQog

² Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=kgR6gHZQ6f0>

³ Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/altas-horas/v/serginho-groisman-entrevista-anderson-silva-em-nova-york/2153450/>

⁴ Disponível em: <http://clubalfa.abril.com.br/esportes/entrevista/anderson-silva-2/>

De quê?

O nosso esporte é o que menos tem lesões graves dentro do ringue. Você tem lesão no futebol, no futebol americano, na natação, mas no MMA não tem. Você é tão bem preparado para estar ali que é muito difícil se machucar. Morrer é muito difícil. Eu não soube de nenhum caso dentro de um evento credenciado. No UFC, você tomou muito golpe na cabeça ou foi nocauteado, tem de passar por uma série de exames, e eles vão checar se você pode lutar de novo daqui a três ou quatro meses.

Você acha que a filosofia da arte marcial é interpretada de maneira errada por quem a encara só como porradaria?

Vai de cada um. O UFC não tem como esclarecer isso, é uma empresa e um evento esportivo que quer colocar atletas de alto nível para competir. A filosofia da arte marcial parte de cada atleta, do que ele aprendeu para chegar até ali.

Mas você sente que alguns dos seus colegas ainda não são comprometidos com essa filosofia? Tem algumas pessoas que ainda não entenderam, a ficha ainda não caiu. A minha prioridade agora é educar bem os meus filhos e servir de exemplo para outras crianças. Alguns atletas têm outras prioridades. O cara quer ser famoso, enfim...

[...]

Por que você decidiu voltar ao octógono somente em 2013 [a última luta de Anderson foi em julho]?

Eu tenho muitos compromissos. Já sou tiozão, né? Tenho outras metas e outros objetivos a ser cumpridos além do meu trabalho dentro do UFC.

[...]

Chegou a fazer aulas de dança?

Sim, a minha tia me botava nelas de castigo. Uma época eu estava terrível e ela acabou me colocando na aula de balé.

Balé?

Sim, no balé...

E aí?

Era horrível, cara! [Risos.] Eu odiava.

Você levou algum passo do balé para o octógono?

Acabou me ajudando porque tenho uma habilidade natural muito bacana que me ajuda na luta. Mas era lastimável, era horrível pra mim. Eu odiava aquilo. Falava: “Não acredito que eu vou ter de ir”. E a minha tia: “Arruma a tua mala. Tem de ir pro balé. Você está atrasado”. Quando eu estava saindo de casa, meus amigos diziam: “Vai pro balezinho, vai pro balezinho”. Era aquela zoação. E aí eu comecei a me interessar pelo sapateado. Fiz um pouco também.

Quanto tempo você ficou?

Fiquei acho que uns oito meses. Pô, era horrível. Mas foi legal, foi uma época bacana.

[...]

Você disse que quer lutar tae kwon do nos Jogos Olímpicos de 2016. É sério?

Se houvesse essa chance, eu gostaria de me preparar para lutar nas Olimpíadas aqui no Brasil. Sou o embaixador do tae kwon do brasileiro. Foi a arte marcial que me alavancou para chegar aqui. Ser um atleta olímpico é uma coisa fantástica. São os melhores atletas de todo o planeta.

[...]

O que você pensa em fazer depois que se aposentar?

Depois que eu me aposentar? Me aposentar! Estou brincando. Tenho vários projetos. Abrir minha academia, ser ator, botar em prática esses projetos e tentar ter o mesmo sucesso que eu venho tendo dentro da luta.

Você fez um novo contrato com o UFC agora?

Não, este contrato ainda é o meu segundo. Ainda tenho três lutas.

E depois você pretende renovar e se valorizar...

Ah, não sei se eu vou renovar, não, cara. Vou dar uma brigada com o Dana [risos]. Não, vou renovar, sim. Eu pretendo lutar por mais uns seis, sete anos.

Mas você vai brigar por um contrato melhor, com certeza...

Ah, o Dana vai tentar me enrolar, e eu vou tentar enrolar ele também. Vai ser uma briga boa. A gente acaba levando na brincadeira, mas entra em um consenso.

E nós estamos falando de quanto dinheiro?

Depende de cada atleta.

Você, por exemplo.

Eu?!? Pô, o Dana poderia melhorar meu salário, cara.

E quanto é o seu salário hoje?

Sabe que eu não sei?!? Eu pago tanto imposto que nem sei quanto ganho... [Risos.]

(Matéria publicada na Revista PLAYBOY de setembro de 2012)

Após apresentar os textos (impresso e virtual), convém propor aos alunos questionamentos que guiem sua leitura, tais como:

- Onde cada entrevista foi veiculada?
- Como ela se relaciona ao seu público-alvo?
- Trata-se de uma entrevista oral ou escrita?
- Quais seriam as principais partes estruturais de cada texto?
- Que nível de linguagem (mais formal ou mais informal) foi utilizado?
- Que elementos são comuns e distintos aos dois textos?
- Quem era a pessoa entrevistada e quem era o entrevistador?
- Por que essa pessoa foi entrevistada?
- Qual a temática central, comum aos dois textos?
- Há a defesa de opiniões?
- Qual seria, então, a função principal de uma entrevista?

A partir da exploração desses exemplares, o professor poderá sistematizar os principais tópicos referentes ao gênero entrevista, dentre os quais, se destacam⁵:

- O QUE É UMA ENTREVISTA?

a) A entrevista é um conteúdo da investigação jornalística e pode ser apresentada em textos escritos ou falados.

b) Caracteriza-se por apresentar informações sobre temas específicos e pode ser difundida através de jornais e revistas impressos, da televisão (telejornais ou programas jornalísticos), do rádio, da internet (e-mail, chat) etc.

⁵ Ver mais em: HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. *In.*: DIONÍSIO, Angela P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

c) Estruturalmente, constitui-se pela alternância de pergunta-resposta entre entrevistador e entrevistado(s).

d) Apresenta linguagem adequada à formação científica e/ou cultural do(s) entrevistados(s) e dos leitores.

▪ **QUAL A ESTRUTURA MAIS COMUM DE UMA ENTREVISTA?**

a) Introdução/Abertura – apresentação breve do(s) entrevistado(s) ou da(s) circunstância(s) que levou/levaram à entrevista. Podem também ser dadas informações complementares sobre o contexto da entrevista (local, data, condicionantes etc.).

b) Corpo da entrevista – conjunto de perguntas e respostas. Quanto às perguntas, estas são previamente planejadas e, no momento da entrevista, são adaptadas ao ritmo da conversa, suscitando esclarecimentos ou evitando questões já respondidas.

c) Fecho/Considerações finais – momento em que o turno de fala é predominantemente do entrevistador ou do jornalista editor que se utiliza para realizar os agradecimentos e/ou apontamentos sobre o material produzido

▪ **QUAIS OS TIPOS DE ENTREVISTA?**

Ao se traçar uma tipologia para esse gênero textual, utilizam-se dois principais critérios:

1. o foco da entrevista (temática central);
2. o nível de formalidade da entrevista.

Assim, as entrevistas podem ser classificadas conforme este quadro:

QUADRO RESUMO: TIPOS DE ENTREVISTA	
Quanto ao que FOCALIZAM	▪ Concentra-se na pessoa do entrevistado. Focaliza o que a pessoa pensa, de que ela gosta, como é a sua vida. Normalmente, esse tipo é feito com políticos, artistas, celebridades.

		<ul style="list-style-type: none"> Concentra-se em <i>um assunto</i>, em um conteúdo específico, que o entrevistado domina.
Quanto ao NÍVEL DE FORMALIDADE	Entrevista estruturada (formal)	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolvida a partir de perguntas precisas, pré-formuladas, com ordem pré-estabelecida. Permite um grau mínimo de liberdade e aprofundamento.
	Entrevista não estruturada (informal)	<ul style="list-style-type: none"> Formulada a partir de um tema proposto pelo entrevistador; se desenvolve no fluir da conversa. Permite um grau
	Entrevista semi-estruturada	<ul style="list-style-type: none"> Construída a partir de um guia de temas, sem pré-formular questões ou pré-estabelecer sua ordem. Permite um grau médio de liberdade e aprofundamento

Finalmente, vale salientar que essa tipologia, assim como as demais sistematizações teóricas apresentadas neste passo, não devem representar uma lista de nomes a serem decorados pelos alunos: ao contrário, devem contribuir para leituras mais aprofundadas de entrevistas.

PASSO2: VISUALIZAR AS CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS DA REPORTAGEM

Concluindo o estudo das funções da linguagem, focaliza-se, neste ciclo, a função *fática*, visto que, no gênero em destaque, principalmente em entrevistas *informais* e *semi-estruturadas*, marcas de oralidade, que podem revelar a testagem do canal de comunicação, são mais recorrentes.

Para isso, o professor pode retomar o *conceito* da função fática, destacando que ela abre, prolonga, testa ou interrompe um *canal de contato* entre emissor e receptor. Assim, os alunos compreenderão que a essa função ocorre quando o emissor quebra a linearidade de sua comunicação, a fim de observar se o receptor o entendeu, e que se concretiza por perguntas (“não é mesmo?”, “você está entendendo?”, “cê tá ligado?”) ou por expressões já cristalizadas (“alô”, “oi!”).

Em seguida, é importante retomar a entrevista já analisada no Passo 1 e solicitar aos alunos que destaquem do corpo do texto expressões que testem o canal de contato ou a compreensão entre o entrevistado e o entrevistador. Desse modo, do texto *Entrevista com Anderson Silva*, os alunos poderão selecionar, por exemplo, o trecho que se segue:

Fragmento I:

Por que você decidiu voltar ao octógono somente em 2013 [a última luta de Anderson foi em julho]?

Eu tenho muitos compromissos. Já sou tiozão, né? Tenho outras metas e outros objetivos a ser cumpridos além do meu trabalho dentro do UFC.

Nesse fragmento, o lutador utiliza a função fática da linguagem, pois, a partir do questionamento “não é?” (no texto, “né?”), deseja que o entrevistador confirme a declaração de que o lutador já não é mais tão jovem – o que justificaria o uso da expressão “tiozão”.

PASSO 3: REPENSAR O ESQUEMA TRADICIONAL DE COMUNICAÇÃO

Segundo o modelo estruturalista postulado por Roman Jakobson (1975), o processo de comunicação é definido como a transmissão de uma *mensagem*, veiculada por um *emissor* a um *destinatário* por meio de *código* e um *canal*. A partir dessa perspectiva teórica, os alunos, desde o 1º bimestre letivo, estudaram as funções da linguagem, que poderiam sistematizadas desta forma⁶:

	REFERENCIAL	
EMOTIVA	POÉTICA	CONATIVA
	FÁTICA	
	METALINGÜÍSTICA	

No entanto, a partir das contribuições do filósofo da linguagem Mikhail Mikhailovitch Bakhtin, o professor poderá ampliar, em seus alunos, a compreensão do processo de comunicação.

⁶ JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 129.

Segundo Bakhtin, “A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo.”⁷. Postula-se, por meio dessa premissa, o conceito de *dialogismo*, que constituirá toda a obra bakhtiniana.

Primeiramente, convém ressaltar que a compreensão dialógica da linguagem não se esgota em diálogos face a face, isto é, em interações a partir da modalidade falada da língua, em que o interlocutor está (fisicamente) presente. Logo, todo enunciado – manifestação concreta e única de unidades da língua, como sons, palavras, frases – é dialógico.

Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio.⁸

O dialogismo consiste, portanto, na produção de sentido a partir da intercessão e confronto de enunciados. Desse modo, ainda que não explicitamente manifestadas, em todo enunciado, há vozes que podem revelar diferentes discursos. Assim, todo enunciado é essencialmente heterogêneo, polifônico.

Em segundo lugar, à luz do dialogismo bakhtiniano, postula-se que

Toda compreensão de um texto [...] implica, segundo Bakhtin, uma *responsividade* e, por conseguinte, um juízo de valor. O ouvinte ou leitor, ao receber e compreender a significação lingüística de um texto, adota, ao mesmo tempo, em relação a ele, uma atitude responsiva ativa: concorda ou discorda, total ou parcialmente; completa; adapta; etc. Toda compreensão é carregada de resposta. Isso quer dizer que a compreensão passiva da significação é apenas parte do processo global de compreensão. O todo é a compreensão responsiva ativa, que se expressa num ato real de resposta.⁹

Evidencia-se, desse modo, que, ao contrário do que sugere o esquema tradicional de comunicação, o ato de linguagem não é uma “via de mão única”, na qual o receptor apenas reconheceria as estruturas que constituem a linguagem, assimilando o conteúdo. A situação de comunicação é um encontro dialético entre o processo de produção e o processo de interpretação, isto é, um *ato inter-enunciativo* entre os sujeitos, obviamente mediado pela linguagem. Nesse trabalho coletivo, autor e leitor/ouvinte são co-produtores do sentido – o que pode ser mais facilmente apresentado para os alunos a partir do esquema abaixo:

⁷ FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006. p. 18.

⁸ *Op. cit.*: p. 19.

⁹ *Op. cit.*: p. 6.

AUTOR  LEITOR

A comunicação é um espaço para **troca/diálogo** entre os interlocutores.

Para que os alunos possam reconhecer a natureza dialógica da linguagem, o professor pode retomar a entrevista analisada nos dois outros passos e pedir que observem os recursos que marcam, no texto, a troca entre os *interlocutores*. Assim, os alunos perceberão que, nessa entrevista, a alternância das falas não se dá, por exemplo, pela cor da fonte, emprego de caixa alta, uso de travessão ou de aspas, mas pelo *uso do negrito*, que identifica as falas do entrevistador.

Além disso, a fim de demonstrar como os interlocutores constroem, juntos, o sentido do texto, seria interessante destacar e comentar estes fragmentos:

Fragmento II:

Anderson da Silva trilhou um longo caminho até se tornar um ídolo. Nascido em São Paulo em 14 de abril de 1975, teve de lidar cedo com a separação dos pais. Sem condições financeiras de criá-lo, a mãe e a avó o deixaram aos cuidados de Edith, tia e madrinha, que ele trata como mãe, em Curitiba, para onde se mudou aos 4 anos.

Fragmento III:

Chegou a fazer aulas de dança?

Sim, a minha tia me botava nelas de castigo. Uma época eu estava terrível e ela acabou me colocando na aula de balé.

Balé? Sim, no balé...

O fragmento II integra a *introdução/abertura* da entrevista, apresentando, para o *leitor* da revista, o entrevistado, cuja vida é a temática central do texto. Por sua vez, o fragmento III, que integra o *corpo da entrevista*, exemplifica como o *entrevistador* busca confirmar informações fornecidas pelo entrevistado e, ao mesmo tempo, direcionar sua fala.

Ao final desta primeira sequência didática, os alunos devem compreender que a entrevista é um gênero jornalístico que a) se organiza pelo diálogo entre um entrevistador e um entrevistado; b) pode apresentar marcas de oralidade; c) é veiculado por diversas mídias; d) possui como função primária informar; e) pode formar uma opinião pública acerca de um acontecimento ou de uma personalidade.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2: CONSTRUINDO UMA ENTREVISTA

Esta sequência, dividida em três passos, visa à produção de uma entrevista, contemplando as etapas de planejamento, execução e edição/revisão.

Eixo Produção Textual:

- *Produzir roteiro para uma entrevista editando-a depois para publicação em jornal mural ou blog.*

PASSO 1: PLANEJAMENTO: CONSTRUÇÃO DE UM ROTEIRO

Qual será o objetivo da entrevista? Como vimos, as entrevistas, de um modo geral, têm por finalidade divulgar a opinião de uma figura pública ou apresentar uma personalidade, instituição ou circunstância.

Desse modo, se a finalidade da entrevista do aluno for *divulgar a opinião de uma figura pública*, é fundamental que se construa um roteiro, indicando:

- a) a definição do tema – o que é que o público quer saber sobre determinado tema e que importância tem esse tema para o público;
- b) a escolha do(s) entrevistado(s) – que deve ser uma pessoa que reconhecidamente tenha relevância para o tema;
- c) a elaboração das perguntas.

No entanto, se a proposta for construir uma entrevista para *apresentar uma personalidade, instituição ou circunstância*, o planejamento do aluno-entrevistador deve respeitar os seguintes procedimentos:

- a) Escolher o entrevistado;
- b) Definir o tema;
- c) Pesquisar previamente acerca da personalidade, instituição ou circunstância;
- d) Elaborar perguntas.

PASSO 2: EXECUÇÃO: A POSTURA DO ENTREVISTADOR

Durante a realização da entrevista, é importante o aluno estar atento à sua postura. Ele precisa cuidar para não desvirtuar as informações dadas pelo(s) entrevistado(s). Além disso, deve ser educado e usar formas de tratamento adequadas para com o entrevistado: se o entrevistado não entender a pergunta, por exemplo, o aluno-entrevistador deve citá-la novamente e explicar o que se deseja com aquela pergunta; e, no final, deve-se agradecer o entrevistado.

Algumas questões relevantes, então, devem ser estudadas, pelos alunos, antes de se proceder à entrevista, por exemplo:

- a) Autorização para gravar ou registrar os dados da entrevista;
- b) Respeitar o entrevistado e a sua cultura;
- c) Distância audível entre entrevistado e entrevistador;
- d) Adequação do vocabulário;
- e) Postura/imagem corporal do entrevistador.

PASSO 3: EDIÇÃO E REVISÃO DA ENTREVISTA

Na edição do texto, o aluno deverá estar atento à *estrutura* comum de entrevistas, conforme o esquema que se segue. Esta diagramação pode ser ampliada a partir do uso de diferentes mídias eletrônicas.

TÍTULO DA ENTREVISTA	
	Local e Data
APRESENTAÇÃO	
XX	Fotografia do entrevistado
XX	OU
XX	Ilustração do tema
CORPO DA ENTREVISTA:	
Perguntas e Respostas (Conforme observamos na sequência anterior, convém empregar recursos gráficos para diferenciar as falas do entrevistado e do entrevistador.)	

LEITURA

Em relação à avaliação de assimilação do gênero entrevista, é importante o aluno saber reconhecer, durante a leitura, a natureza dialógica da linguagem e as principais características que estruturam o gênero. Para isso, o professor pode selecionar duas ou mais entrevistas impressas e/ou televisivas, e verificar, a partir da leitura, se os alunos souberam apontar os seguintes elementos: a) a qual público se destina o conteúdo da entrevista; b) no texto quem está no papel de entrevistado e entrevistador; c) o que fazem; d) o porquê de a pessoa ter sido entrevistada; e) quando a entrevista foi produzida; f) onde circulou; g) que predominância de linguagem, formal ou informal, está presente; h) em que veículo de comunicação a entrevista circulou; i) em que suporte a entrevista foi produzida; j) qual a finalidade do texto introdutório.

Além de saber reconhecer essa natureza dialógica da linguagem, é importante o aluno saber reconhecer os recursos utilizados para marcar o locutor e o interlocutor. Neste caso, o professor propõe atividades a partir de entrevistas formais e informais para saber se o aluno soube reconhecer: a) o efeito de sentido dos marcadores conversacionais empregados durante entrevistas informais, como marcadores de hesitação (ah, ahn., eh), marcadores de apoio (né, certo, sabe), marcadores de atenuação do falante (eu acho) marcas de coloquialidade (pra); b) se há/ficou alguma marca de oralidade, após a transcrição, nas entrevistas formais; c) os recursos gráficos como negrito e/ou caixa alta para marcar entrevistador e entrevistado no texto; d) se houve o uso das aspas e o uso do parêntesis, qual a intenção.

Esses reconhecimentos, sem dúvida, mostrarão que o aluno compreendeu o que é uma entrevista, assim como a transição do texto oral para o escrito, pois esse conhecimento prévio servirá para a última fase: a de produzir uma entrevista oralmente e transcrevê-la para o papel obedecendo as regras que estruturam o gênero.

USO DA LÍNGUA

Em relação ao Uso da Língua, o aluno deve saber identificar, principalmente nas entrevistas informais, os marcadores conversacionais que abrem, prolongam, testam ou

interrompem o canal de contato entre o emissor e o receptor, reconhecendo a função fática da linguagem.

PRODUÇÃO TEXTUAL

Para avaliar a produção do roteiro de uma entrevista, o professor deverá observar, primeiramente, se os passos para proceder previamente a entrevista oral foram seguidos, como: 1) objetivo da entrevista; 2) tema da entrevista; 3) escolha do entrevistado; 4) coerência das perguntas; 3) perguntas curtas e objetivas;

Já para avaliar o processo de transcrição para a edição da entrevista, no texto final do aluno deve-se observar se há: um título; uma introdução apresentando o entrevistado e o assunto da entrevista; se respeitaram os recursos gráficos (negrito, caixa alta) para marcar entrevistador e entrevistado; se evitaram as marcas de oralidade; se a linguagem empregada está adequada ao perfil dos leitores e ao gênero textual.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

A fim de que você não se limite a essas sugestões e possa ampliar o planejamento de suas aulas e suas avaliações, é apresentada, a seguir, uma lista comentada com algumas das mais significativas e acessíveis fontes que podem enriquecer o trabalho com as habilidades focalizadas neste ciclo.

Livros teóricos:

1. Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

Neste livro, Fiorin sintetiza, de maneira didática e com uma linguagem simples, os principais pressupostos teóricos de Bakhtin e o conceito de *dialogismo*.

2. Reconhecer as funções *referencial*, *metalinguística* e *fática* da linguagem.

CHALHUB, Samira. **Funções da Linguagem**. São Paulo: Ática, 1997.

Neste pequeno livro da *Série Princípios*, a autora dedica-se em cada capítulo a uma função da linguagem: referencial, emotiva, poética, conativa, fática e metalinguística, mostrando que todo texto apresenta várias possibilidades de leitura. As funções têm como objetivo levar o leitor a compreender determinado efeito para determinado objetivo.

Livros didáticos:

1. Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; JÚNIOR, José Hamilton Maruxo. **Língua Portuguesa: Linguagem e Interação**. São Paulo: Ática, 2010.

Na Unidade 3, O Mundo do Trabalho (I), o Capítulo 9, *Entrevista Concedida por Especialista* (p.228-233), apresenta o gênero textual em estudo, tendo como texto-gerador das atividades propostas uma entrevista com a linguista e historiadora Karen Worcman, do Museu da Pessoa. A abordagem em torno do gênero textual entrevista relaciona conceitos importantes para a elaboração de textos do gênero, tais como o emprego da pontuação como marca de expressividade e como recurso para marcar os turnos de fala de entrevistador e de entrevistado.

BARRETO, Ricardo Gonçalves (Org.). **Português: Ser Protagonista**. 1ª ed. Edições SM: São Paulo, 2010.

O volume III da Coleção aborda, no Capítulo 35, *A Entrevista* (p.376-383), o gênero textual caracterizando-o quanto a sua estrutura composicional, finalidade sociocomunicativa e aspectos linguísticos e discursivos, sobretudo no que diz respeito ao fato de o gênero em estudo constituir uma forma privilegiada de aquisição de informações amplamente explorada nas atividades jornalísticas e, ainda, pelos desdobramentos de sua realização em outros gêneros textuais de base expositiva a exemplo da enquete, dos perfis e da composição de gráficos com exposição de dados estatísticos. Neste capítulo, a partir de atividades propostas sobre uma entrevista concedida pela atriz Fernanda Montenegro à Revista “Bravo!”, são esquematizados os principais elementos composicionais do gênero textual, tais como aspectos gráficos do texto e marcas linguísticas, culminando com orientações para elaboração de um roteiro para realização de entrevistas.

SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. **Português: Literatura, Gramática e Produção de Texto**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2010.

No Volume II, o Capítulo 19, *Entrevista e Reportagem* (p. 453-459), apresenta-se o gênero textual, a partir de um texto-gerador que aborda os desafios de conciliação entre as fontes de pesquisa impressas e os sites de busca, cada vez mais acessíveis e acessados pelos alunos na realização de atividades, trazendo à discussão um assunto atual de interesse e conhecimento dos jovens. Quanto à estrutura composicional do gênero em estudo, a abordagem em foco sistematiza seus elementos básicos constitutivos, o conceito de variação linguística na transcrição/emissão das falas do entrevistado, os critérios para elaboração de um roteiro de entrevista e de formatação/edição do texto para publicação em suportes diferenciados.

2. Reconhecer as funções *referencial, metalinguística e fática* da linguagem.

ABAURRE, Maria Luiza M., ABAURRE Maria Bernadete e PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2010.

No volume II, o capítulo 14, *A dimensão discursiva da linguagem* (p. 233-234), é dedicado a apresentar os elementos da comunicação e as funções da linguagem, sempre de maneira clara e bem objetiva, com muitos exercícios relacionados a textos.